

SELVAGERIA SOCIAL: EVASÃO ESCOLAR DE JOVENS NEGROS DIANTE DA REPRODUTIBILIDADE DAS VIOLENCIAS

Marcio José de Lima Rezende Filho¹

RESUMO

Nomeadamente, esta pesquisa tem como válvula propulsora deflagrar marcadores sociais que denotam um encargo no contexto educacional. A proposta de explicitar deformidades no social é um ato de desfarrar as (im)punidades, colocando-nos na objetivação de expurgar e tencionar o método verborrágico, ou seja, o lugar da não transparência. Tais debates socioanalíticos visam legitimar uma etiologia dos constructos étnicos-raciais em nossa cultura. Tal qual, escancarar as duras resistências dos movimentos que divergem das práticas político-pedagógicas; transgredir o espaço-tempo. A demarcação étnica, tem sua proposta ancorada nas assimetrias dos não-ditos, ditos e escritos. Sendo eles, nas camadas de níveis físicos, culturais, linguísticos e/ou simbólicos, que assim, provocam um apuramento dinâmico quanto à institucionalização do racismo no meio escolar. Segundo Reppold, Pacheco, Bardagi e Hutz (2002), existem fatores que condicionam variáveis associadas à alta probabilidade de ocorrência de resultados de risco, negativos ou indesejáveis. Dentre tais fatores, os jovens negros encontram-se expostos a um corte abissal que expõe impasses de acessibilidade, permanência e exclusão no recinto escolar. Já que, ainda desfrutam da carnificina e selvageria social acerca da raça nos equipamentos educacionais (Túbero, 2008). A inquirição metodológica de investigação deu-se de uma intrínseca revisão sistemática com recursos de dados já postos, para identificar axiomas basilares, sendo estes aportes: Costa (2022); Arroyo (2000); Castro (2004); Hooks (1994); Foucault (1999); Munanga (2000); Gomes (2019); Bento (2022); Carneiro (2023). Conclui-se que, a vulnerabilidade social de jovens negros para evasão escolar, até este tempo, parte de processos multicausais, concernindo com as repercuções de heranças históricas de fatores que perpetuam a colonização: (1) Currículo eurocêntrico; (2) Baixa aderência de educadores na formação antirracista; (3) Violência presentificada nos espaços educacionais que são tecidas de alvejamentos, sejam eles concretos - encarceramento e homicídios, ou nos seus projetos despóticos - permanência escolar perante uma exclusão racial.

Palavras-chave: Escola, Evasão Escolar, Violência, Jovens Negros.

¹Psicólogo Sanitarista. Licenciado em Letras Português/Inglês. Pós-graduado em Saúde Pública. Esp. em Educação Inclusiva. Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Pesquisador bolsista da FACEPE - Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco. Contato: marciolimajr900@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-0690-6172>.



INTRODUÇÃO

A pesquisa, atravessa e dialoga com um reflexo direto sobre desigualdades estruturais: a evasão escolar de jovens negros no Brasil. Este fenômeno persistente e complexo aponta um cenário educacional brasileiro contemporâneo, em destaque quanto às violências estruturais que perpassam infâncias e juventudes brasileiras, ou seja, o alunado, e que se manifestam de forma multifacetada, engendrada, corroborando para panes nas dimensões econômica, simbólica, cultural e institucional.

A escola, sendo a instância da idealização moratória da sociedade, ocupa no teia ou malha social um espaço de emancipação e mobilidade social, contudo, acaba, paradoxalmente, reproduzindo desigualdades históricas e naturalizando exclusões que têm cor, território e classe. É nessa via, bem como, com esse sentido, que apontamos nesta pesquisa, ou seja, dar uma materialização epistêmica e política do processo mais amplo de denegação, no que concerne direitos e apagamento da juventude negra nos espaços de poder e de produção do saber, especificamente na escola.

Para tal intento, objetivamos apresentar o período escravocrata, sendo este, marcador da seletividade e privilégio que imperaram a lógica, desde o período colonial, até o presente, apresentando suas violências simbólicas, sutis e institucionalizadas de exclusão. A pensadora Nilma Lino Gomes (2017), já apregoava que a escolarização no Brasil ainda é “um território tensionado entre a promessa de inclusão e a prática da exclusão”, especialmente quando se trata da juventude negra periférica (Gomes, 2017, p.38). Neste mesmo fio, a proposta intervintiva para esta socioanálise justifica-se na hipótese que a educação é restritiva, apegada às elites brancas, masculinas e normativas. No processo de pesquisa orientamos um olhar crítico sobre o acesso e permanência da população negra nos sítios/ localidades escolares, e sua relação de escolarização “formal”. Por fim, destacamos a ausência de políticas públicas eficazes e a presença enraizada do racismo institucional que consolida-se perante a um sistema educacional negligenciador, contributivo para densos abismos nas especificidades socioculturais da população negra, assim também, perpetuador do modelo eurocêntrico, branco e elitizado (Costa (2022); Arroyo (2000); Castro (2004); Hooks (1994); Foucault (1999); Munanga (2000); Gomes (2019); Bento (2022); Carneiro (2023)).



EVASÃO ESCOLAR: A PERENIZAÇÃO DE UM COTIDIANO DESLEGITIMADOR

Propomos, aqui adiante, as seguintes premissas quanto à sustentação das deflagrações de marcadores sociais e escolares: 1) a evasão escolar é advinda de uma compreensão de decisão de perpetuação de disparidade, e seu aviltamento que deflagra inúmeras consequências. Até o momento, somos expostos a perpetuação que toca desde a precarização, até, ausências de políticas reparadoras. De outro prisma, atesta-se as arbitrariedades como 2) conjunto de violências sociais que se entrelaçam no cotidiano desses jovens. Por isso, 3) é submetida à extrema violação; sendo estas, criminalização, exclusão acoplada a extermínio.

Dados secundários do Atlas da Violência (IPEA, 2023) apontam-nos um dado que alarde e aguça nossa imparcialidade, visto que, cerca de 77% das vítimas de homicídio no Brasil são negras, a maioria jovens, entre 15 e 29 anos. A violência como manifestação simbólica, factual e estatística, afirma um brutal dado revelador entre sua sistemática tônica genocida e de abandono escolar, somado a estas taxas que drasticamente interpelam nossa existência. Nesse maquinismo e arquitetura sócio-política, fomos domesticados a “aceitar” a propositiva de trajetória e sua interconectividade com fatores que abarcam as violências: física; psicológica; urbana; policial e institucional. Estas, fragilizam laços, subjetividades e governo no lugar de microfísica entre os sujeitos e a escola (Foucault, 1999).

Para tal, Foucault (1999), declara:

Se o racismo funciona para permitir o exercício do biopoder, ele o faz em primeiro lugar permitindo a segmentação do campo biológico que o poder aborda, dos seres que vivem em um determinado domínio, naqueles que devem viver e naqueles que, pelo contrário, devem ser rejeitados para a morte (FOUCAULT, 1999, p. 305).

A evasão, portanto, encaixa no discurso defendido/exposto por Achille Mbembe (2011). Na condição de despótico, um dos efeitos da necropolítica é exercer poder, tal e qual, decidir quais vidas são dignas de proteção e quais são descartáveis. Mbembe (2018), ainda, corrobora: “Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado. Em larga medida, o racismo é o motor do princípio necropolítico” (MBEMBE, 2018, p. 18). Logo, a violência se manifesta na imposição de uma cultura escolar que deslegitima os



saberes negros, cumprindo seu efeito de hierarquização nas formas de conhecimento/saber.

Segundo Reppold, Pacheco, Bardagi e Hutz (2002) os jovens negros são acrescidos, exposto a outro forma de violência, comumente regida nos espaços acadêmicos diante das multiplicidades legitimadoras de violências, destarte, realçamos a violência institucional, posta em relação dialogical com o campo escolar, já que, expressa-se na falta de políticas de permanência, presentes nos nossos modelos educacionais vindouros, bem como, no racismo velado do professorado e corpo educacional. Portanto, a form(AÇÃO) excludente é estrutural, e é, revelada nas em condições socioeconômicas subalternizadas (Galtung, 1969).

ESCOLA E AS NARRATIVAS DAS VULNERABILIDADES SOCIAIS

Para esta finalidade, colocaremos um discurso de oportunizar uma reflexibilidade sobre a escola e o lugar de reconhecimento e construção de identidade que ela ocupa. Vimos, e bem sabemos, já que somos pertencentes a essa instância por um longo período das nossas vidas, ouso falar que somos eternos estudantes. Por isso, torna-se um lugar de amplificação e ambiente hostil que reproduz uma lógica da exclusão social, visto que a repetição patológica, no que concerne narrativas e ocasionam vulnerabilidades põe o sujeito negro, em constante confrontamento com a branquitude como modelo de humanidade e racionalidade, sendo levado a internalizar sentimentos inferioridade e alienação (Fanon, 2008). Essa dimensão subjetiva do racismo escolar é um dos elementos centrais para compreender por que muitos jovens negros se afastam da escola antes de concluir a educação básica.

No espaço escolar, a presença negra é frequentemente marcada pela negação e pelo silenciamento. O racismo cotidiano, as micro agressões, o estereótipo do “aluno problema” e a ausência de referências positivas contribuem para a sensação de não pertencimento. No entanto, não se trata apenas de uma ausência ou carência individual de motivação, mas de um contexto que desumaniza e desestimula. A evasão escolar é um dos efeitos da intersecção entre pobreza, racismo e desigualdade. A experiência escolar de jovens negros está permeada por tensões que vão desde a necessidade de contribuir financeiramente com a família até o enfrentamento diário do preconceito



racial (Túbero, 2008).

Outro fator necessário para a discussão vem das políticas educacionais, ao não contemplarem as especificidades dessa juventude, reforçando ciclos de exclusão que se retroalimentam. A invisibilidade de autores e referências negras nos currículos, a falta de professores negros começa na fragilidade de implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - (LDB), exposta na lei federativa do Brasil em sua tipificação de Lei 10.639/03 (Brasil, 2003), como exemplificação que desde a base, ou seja, nas escolhas concretas de se pensar educação, esta é, um lugar, a escola, que ainda resiste à descolonização do conhecimento e à valorização da diversidade racial.

Por outro lado, a evasão não deve ser lida apenas como derrota, mas também como denúncia. Quando um jovem negro abandona a escola, ele não apenas interrompe sua trajetória acadêmica, ele explicita o fracasso de uma estrutura social que insiste em negar-lhe o direito à dignidade e ao saber. Como afirma Lélia Gonzalez & Hasenbalg (1982), a luta negra é, antes de tudo, uma luta por reconhecimento, por uma existência que não seja apenas tolerada, mas legitimada. A evasão, nesse sentido, é uma resposta, ainda que dolorosa, a um sistema educacional que não o reconhece como sujeito de direitos e produtor de conhecimento.

Diante disso, analisar a evasão escolar de jovens negros é também pensar o projeto de sociedade que o Brasil contrói, sendo o racismo não um desvio moral, porém um princípio organizador das instituições e das relações sociais. A escola, ao reproduzir essas estruturas, se torna campo de disputa: entre a exclusão e a resistência, entre a dominação e a emancipação. Reconhecer que a evasão escolar é, antes de tudo, uma forma de violência social, é um passo considerável para combater.

METODOLOGIA

A abordagem como procedimento metodológico deu-se dentro da perspectiva e/ou modelo de base qualitativa-interseccional. No processo foi essencial desvendar complexas causas da evasão escolar na juventude negra, compreendida não como falha individual, mas como resultado dos mecanismos de segregação educacional que promovem um sistema de negligência racista e estrutural. O arcabouço teórico se apoia na Interseccionalidade (Crenshaw, 1991) para analisar o entrecruzamento de raça, classe e gênero, e nos Estudos Pós-Estruturalistas (Foucault, 1999) para entender as violências



experimentadas como manifestações de um sistema social e educacional. Em consequência disso, analisou-se que a evasão escolar da juventude negra é um fenômeno multifacetado, ancorado no racismo estrutural e na violência.

O desenho de pesquisa, delineamento metodológico, consistiu em três etapas: 1) Realizamos uma análise documental e estatística (abordagem quantitativa) de dados secundários do Censo Escolar e IPEA, com rigoroso recorte de raça e sexo, para quantificar o abandono e mapear as áreas de maior vulnerabilidade. 2) Segundamente, por meio de revisão de literatura, pudemos observar traços sociais subjetivos sobre os pontos de inflexão: racismo escolar, violência urbana e o impacto das responsabilidades de gênero/classe, sendo a triangulação dos dados, um cruzamento legítimo quanto à dados estatísticas de mensuração (quantitativo), assim como, observamos que, a exclusão com os discursos dos jovens e as percepções dos gestores escolares, corpo escolar, é focada numa identificação parcializada sobre eixos de violência (institucional, urbana e de gênero), que culmina na "expulsão velada" dessa juventude.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perante os resultados observados e coletados nesta investigação, enxergamos que a temática de envolta a selvageria social, sendo esta a evasão escolar, genocídio e epistemicídio violento e simbólico da juventude negra, não é emergido ou categorizado apenas de dados e citações; eles gritam de dentro das ausências, ecoam das vozes silenciadas que a escola, historicamente, aprendeu a não ouvir.

Nesta via apontamos para cada número, cada porcentagem, e sua tônica que denota uma formação de pessoas acometidas na sua história, corporeidade e subjetividade, resistindo, até onde a violência simbólica permite operar. O que se revela não é apenas uma evasão, mas uma expulsão velada. Não se trata da escolha individual de partir, mas da impossibilidade coletiva de permanecer. A escola, que deveria ser território de emancipação, expõe sua nosologia acrítica, quando decide quem pode florescer e quem será descartado pelo fracasso nos espaços educacionais. O cruzamento entre raça, classe e gênero, este tripé que sustenta o edifício da desigualdade, evidencia que a evasão escolar da juventude negra é o sintoma mais agudo de um sistema que prefere eliminar do que incluir. A interseccionalidade, aqui, não é mero conceito; é



ferida exposta. Ela mostra como o racismo estrutural se infiltra nas salas de aula, nas relações pedagógicas e nas micro violências cotidianas que corroem o pertencimento. E, no entanto, há também resistência. A evasão, paradoxalmente, pode ser lida como um ato de denúncia: o corpo que se retira não desiste, protesta. Recusa-se a ser domesticado pela lógica da branquitude que o desumaniza. Esse gesto de afastamento é também um grito político, o anúncio de que o sistema falhou, de que a escola ainda não é o lugar seguro que promete ser.

Portanto, a análise interseccional confirma que o enfrentamento da evasão está intrinsecamente ligado à luta contra o racismo institucional e a necropolítica educacional. É preciso romper com a ideia de uma escola neutra, pois a neutralidade é a face mais perversa da exclusão. Quando o Estado se omite, quando a política pública não acolhe, quando o professor se cala, o silêncio torna-se cúmplice da barbárie. Estes resultados revelam que a evasão é o reflexo da sociedade que a produz. É a materialização de séculos de violências e hierarquização racial, transmutadas em notas, em olhares, em currículos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta inquirição demonstra pela análise interseccional que a evasão escolar da juventude negra não se configura como uma mera desistência individual, mas como o resultado terminal de um processo de expulsão velada enraizado em violências estruturais. A metodologia interseccional adotada foi crucial para desnaturalizar os motivos do abandono, revelando como as categorias de raça, classe e gênero se articulam para criar trajetórias escolares marcadas pelo fracasso institucional e pela vulnerabilidade social. A implicação central do estudo foi imperativo como transformação, visto que, a escola pode, e ainda, é ativamente necessária para um locus antirracista, democrático e acolhedor. A evasão, compreendida nesta pesquisa, é apontada como ápice da negligência estrutural. Como premissa, nota-se que enfrentamento da evasão, portanto, está intrinsecamente ligado à luta contra a necrose educacional que silencia e descarta esses corpos, exigindo políticas intersetoriais que garantam não apenas o acesso, mas a permanência e o sucesso desses estudantes por meio do combate direto ao racismo institucional.



REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BRASIL. **Lei nº 10.639.** 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade:** a construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CASTRO, Mary Garcia. **Políticas públicas por identidades e de ações afirmativas:** acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 275-303.
- COSTA, Camila Aparecida Oliveira da. **Juventude negra, educação e exclusão:** um estudo sobre o racismo cotidiano. 2022, 164 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <[Universidade Federal de Uberlândia: Juventude Negra, educação e exclusão: um estudo sobre o racismo cotidiano](http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/10000)>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Mapping the margins:** intersectionality, identity politics, and violence against women of color. Stanford Law Review, v. 43, n. 6, Jul. 1991, pp.1241-1299.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EdUfba, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976).** Tradução de Maria Ermântina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GALTUNG, Johan. **Violence, peace, and peace research.** Journal of peace research, v. 6, n. 3, p. 167-191, 1969.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz:** corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores:** repensando trajetórias. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 38.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da Violência 2023.** Brasília, 2023.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. 1982. **Lugar de negro.** Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolitics.** Duke University Press, 2011.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica:** biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. 3. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Mestiçagem e experiências interculturais no Brasil.** Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2000.

REPPOLD, C; PACHECO, J; BARDAGI, M., & HUTZ, C. 2002. **Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes:** Uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. Em: C. Hutz (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp. 9-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.

TÚBERO, R. **Evasão de alunos negros no ensino médio:** olhares de professores, gestores e estudantes. 2008. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.